



Academia de Marinha



MEMÓRIAS 2022

VOLUME LII

LISBOA
2024



Ficha técnica

Título Memórias 2022

Edição Academia de Marinha, Lisboa

Coordenação António Mano Loução
António Rocha de Freitas
Paulo Silva Varela
Sónia Aires Lima

Capa e contracapa

Grafómetro francês, em latão, aço e vidro, com a inscrição “Meurand AParis”

Fabricante: Meurand, Paris

Dimensões: 20 x 16 cm

Período: século XVIII, 2ª metade

Colecção LCS

Fotos: Filipe Enes

Concepção gráfica: Luís Couto Soares

Data Dezembro 2024

Tiragem 200 exemplares

Impressão e acabamento Página Ímpar

Depósito legal 355115/13

ISBN 978-972-781-185-4

ÍNDICE

Titulares dos cargos estatutários em 2022	15
Síntese da atividade cultural em 2022	16
Vida académica	17
Lista de membros eleitos	25

Sessões culturais

13 JANEIRO

TOMADA DE POSSE DOS TITULARES DOS CARGOS ESTATUTÁRIOS
DA ACADEMIA DE MARINHA PARA O TRIÉNIO 2022/2024

Palavras proferidas pelo Presidente da Academia de Marinha Francisco Vidal Abreu	27
--	----

SESSÃO SOLENE DE ABERTURA DO ANO ACADÉMICO DE 2022

Palavras proferidas pelo Presidente da Academia de Marinha Francisco Vidal Abreu	33
--	----

Mar Europeu? Mar Português? José Cruz Vilaça	39
--	----

18 JANEIRO

A Nova Interpretação dos Painéis de S. Vicente Fernando António Baptista Branco	55
---	----

25 JANEIRO

Disponibilidade da Marinha Portuguesa durante o século XVI. Notas de investigação* Amândio Jorge Morais Barros	
--	--

1 FEVEREIRO

A engenharia hidrográfica em Portugal - uma perspetiva histórica Miguel Bessa Pacheco	87
---	----

3 FEVEREIRO

LANÇAMENTO DO LIVRO “MEMÓRIAS DE UM OFICIAL NA RESERVA NAVAL”

Apresentação do livro* José Luís Leiria Pinto	
---	--

Palavras do Presidente da Assembleia Geral da AORN*

José Cruz Vilaça

Palavras do autor do livro*

José Augusto Pires de Lima

7 FEVEREIRO

ESTRUTURA DE MISSÃO PARA AS COMEMORAÇÕES DO V CENTENÁRIO
DA CIRCUM-NAVEGAÇÃO / IMPRENSA NACIONAL-CASA DA MOEDA
APRESENTAÇÃO DO LIVRO “RELAÇÃO DA PRIMEIRA VIAGEM
EM TORNO DO MUNDO - ANTÓNIO PIGAFETTA”

Palavras proferidas pelo Presidente da Academia de Marinha

Francisco Vidal Abreu

129

Apresentação do livro*

Henrique Leitão

Palavras da autora da edição, introdução, tradução e notas*

Joana Lima

8 FEVEREIRO

SESSÃO CONJUNTA COM A FUNDAÇÃO OCEANO AZUL
“DESAFIOS DO MAR NA PERSPETIVA DA SUSTENTABILIDADE”

Palavras proferidas pelo Presidente da Academia de Marinha

Almirante Francisco Vidal Abreu

131

O Oceano para a década: contextos, desafios e respostas*

Ricardo da Piedade Abreu Serrão Santos

A conservação do Oceano como uma estratégia para Portugal*

Tiago Pitta e Cunha

15 FEVEREIRO

LANÇAMENTO DO LIVRO “HISTÓRIAS MARÍTIMAS DOS AÇORES”

Apresentação do livro pelo autor

Adelino Rodrigues da Costa

133

22 FEVEREIRO

Atlântico, Índico e Pacífico: Oceanos de Guerra ou de Paz?*

Bernardo Pires de Lima

3 MARÇO

LANÇAMENTO DO LIVRO “DIÁRIO DE BORDO”

Palavras do autor do livro

Carlos Costa Ramos

135

Apresentação do livro	141
Luís Rodrigues do Nascimento	
 8 MARÇO	
SESSÃO CONJUNTA COM O CENTRO DE INVESTIGAÇÃO PROFESSOR DOUTOR JOAQUIM VERÍSSIMO SERRÃO “FAÇANHAS NO ESPAÇO MARÍTIMO PORTUGUÊS - PEDRO ÁLVARES CABRAL”	
Palavras proferidas pelo Presidente da Academia de Marinha	157
Almirante Francisco Vidal Abreu	
A armada de Pedro Álvares Cabral e o aprofundamento do projeto imperialista manuelino: concepção e prática de uma nova estratégia militar naval no Índico	159
Vítor Luís Gaspar da Conceição Rodrigues	
Pedro Álvares Cabral: evocação de um dos símbolos do início da mundialização nos quinhentos anos da sua morte*	
José Manuel da Costa Rodrigues Garcia	
Palavras proferidas pelo diretor do CIJVS*	
Martinho Vicente Rodrigues	
 15 MARÇO	
SESSÃO SOLENE DE ENTREGA DO PRÉMIO “ALMIRANTE SARMENTO RODRIGUES – 2021”	
Palavras proferidas pelo Presidente da Academia de Marinha	169
Almirante Francisco Vidal Abreu	
Apresentação da obra: “Do Algarve a Marrocos e à Índia: Francisco Barreto e a Casa de Quarteira (séculos XV-XVI)”	173
Nuno Vila-Santa	
 17 MARÇO	
A Marinha do Brasil na Grande Guerra*	
Francisco Eduardo Alves de Almeida	
 22 MARÇO	
Agentes não-humanos na história da expansão marítima: interações entre animais e pessoas no Atlântico da época moderna*	
Cristina Brito	
 29 MARÇO	
O Escorbuto e a Gente do Mar	183
José Filipe Moreira Braga	

5 ABRIL	
Entre rotas e jurisdições várias: o apoio à navegação em Angra (séculos XVII-XVIII)	193
José Manuel Damião Soares Rodrigues	
26 ABRIL	
A relevância do mar na projeção de valores	219
Rui Manuel Sousa Valério	
28 ABRIL	
SESSÃO CONJUNTA COM A UNIVERSIDADE DE AVEIRO “DINÂMICA COSTEIRA - O LITORAL PORTUGUÊS”	
Palavras proferidas pelo Reitor da UA*	
Paulo Jorge Ferreira	
Palavras proferidas pelo Presidente da Academia de Marinha	231
Almirante Francisco Vidal Abreu	
Dinâmica sedimentar na região de Aveiro e erosão costeira*	
Cristina Bernardes	
Flutuadores Lagrangeanos na monitorização da hidrodinâmica costeira e estuariana*	
José Paulo Pinto	
Evolução do litoral adjacente ao Porto de Sines*	
Mónica Ribeiro e Aurora Rodrigues Bizarro	
Estratégias da mitigação dos impactos da erosão costeira	233
Carlos Coelho	
3 MAIO	
Melville e Turner - representações marítimas e nostalgia nos alvares da modernidade	237
Mário Carlos Fernandes Avelar	
5 MAIO	
LANÇAMENTO DO LIVRO “VEREDAS DA MODERNIDADE”	
Palavras do Presidente da Academia de Marinha	247
Francisco Vidal Abreu	
Intervenção da autora do livro*	
Ana Paula Avelar	
Apresentação do livro*	
Vítor Manuel Veríssimo Serrão	

10 MAIO	
A guerra na Ucrânia: o mar na história e nas estratégias	251
João Vieira Borges	
17 MAIO	
CELEBRAÇÕES DO 1º CENTENÁRIO DA TRAVESSIA AÉREA DO ATLÂNTICO SUL SESSÃO INTEGRADA REALIZADA COM OITO INSTITUIÇÕES CONGÊNERES (APH, ACL; ANBA, AICP; AM, SGL, SHIP E CPHM)	
Da navegação à vela a Gago Coutinho*	
José Malhão Pereira	
De Gago Coutinho aos dias de hoje*	
Luís Nuno da Cunha Sardinha Monteiro	
20 MAIO	
CELEBRAÇÕES DO DIA DA MARINHA 2022 UNIVERSIDADE DO ALGARVE - ACADEMIA DE MARINHA	
“O Mar: Tradições e desafios”***	
24 MAIO	
SESSÃO SOLENE INTEGRADA NO DIA DA MARINHA 2022	
Palavras proferidas pelo Presidente da Academia de Marinha	273
Almirante Francisco Vidal Abreu	
Ciberdefesa em Portugal e respetivas políticas públicas*	
António José Gameiro Marques	
26 MAIO	
APRESENTAÇÃO DO LIVRO “A ECONOMIA IMPERIAL PORTUGUESA NO OCASO DO ANTIGO REGIME (1796-1835)”	
Palavras do autor do livro*	
António Alves Caetano	
Apresentação do livro*	
Carlos Rebelo Duarte	
31 MAIO	
O meu encontro com a História	275
Carlos Monjardino	
7 JUNHO	
MAD – Mutual Assured Destruction	283
João José Brandão Ferreira	

14 JUNHO	
SESSÃO CONJUNTA COM A ACADEMIA NACIONAL DE BELAS ARTES “D. MANUEL I”	
Palavras proferidas pelo Presidente da Academia de Marinha	307
Almirante Francisco Vidal Abreu	
A utopia do rei D. Manuel I e a arte do seu tempo*	
Fernando António Baptista Pereira	
O livro das fortalezas de Duarte de Armas*	
Margarida Valla	
D. Manuel I e a Conquista, Navegação e Comércio... de outras terras e outros mares	309
Ana Paula Avelar	
Palavras proferidas pela Presidente da Academia Nacional de Belas Artes*	
Natália Correia Guedes	
21 JUNHO	
Ordem de Sant’Iago da Espada: da reforma de 1789 ao reconhecimento do mérito científico, literário e artístico	321
Paulo Jorge Milhano Neves Estrela	
28 JUNHO	
Europa: caminho acidentado num destino desejado*	
António Carlos Rebelo Duarte	
5 JULHO	
A participação alemã na Expansão Portuguesa no tempo de Vasco da Gama*	
Jürgen Pohle	
12 JULHO	
Nacionalismos e globalização*	
Joaquim Aguiar	
20 SETEMBRO	
António Pereira de Matos (1874-1930): um protagonista esquecido do pensamento naval em Portugal nos princípios do séc. XX	323
Fernando Alberto David e Silva	
27 SETEMBRO	
O crime organizado transnacional na dimensão marítima	337
Jorge Manuel Novo Palma	

4 OUTUBRO

Direito dos conflitos armados – A proteção das vítimas da guerra

363

José Manuel Silva Carreira

6 OUTUBRO

APRESENTAÇÃO DO LIVRO “COLOMBO GENOVÊS – O TIO ERRADO
– DESCONSTRUÇÃO E CRONOLOGIAS DO GRANDE EMBUSTE”

Palavras do Presidente da Academia de Marinha*

Francisco Vidal Abreu

Apresentação do livro pelo autor*

Carlos Alberto Calado

11 OUTUBRO

XVI COLÓQUIO LUSO - BRASILEIRO COM A APH, ACL, ANBA, SGL, SHIP, UM E CPHM
“RAÍZES MEDIEVAIS DO BRASIL MODERNO NO BICENTENÁRIO
DA INDEPENDÊNCIA”

Palavras do Presidente da Academia de Marinha

379

Francisco Vidal Abreu

**Continuidade na ruptura? A construção do Estado à época
da Independência do Brasil***

Arno Wehling (Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro)

**Validos, favoritos e cortesãos no Reino Unido de Portugal, Brasil e Algarves
(1807-1822): alguns casos de estudo***

Daniel Protásio (SGL)

Reconhecimento da independência do Brasil: política, direito e diplomacia*

Rui Figueiredo Marcos (ACL)

**Formas artísticas de celebrar a Independência do Brasil:
dois desenhos da Academia Nacional de Belas Artes***

Andreia Cunha da Silva (ANBA)

**Carlos Malheiro Dias e a História da Colonização Portuguesa do Brasil
(1921-1924)***

João Abel da Fonseca (SGL)

**O Brasil e Portugal nas guerras totais do século XX - uma comparação
de âmbito político e estratégico***

António Paulo Duarte (CPHM)

**Os 200 anos da independência do Brasil: a renovação
de um debate historiográfico***

Prof^a. Ângela Maria Vieira Domingues (AM)

Carlota Joaquina de Borbón, un personaje controvertido* Marion Reder (APH)	
La independencia de Brasil y la España de 1822* Emilio de Diego (Real Academia de Doctores de España)	
Formação de uma Marinha brasileira Augusto Salgado (AM)	381
20 OUTUBRO CICLO ECONOMIA DO MAR MESA REDONDA	
“Pescas” * Álvaro Francisco Rodrigues Garrido Luís Vicente Yorgos Stratoudakis Rita Sá	
25 OUTUBRO SESSÃO INTEGRADA NO XI CICLO DE CONFERÊNCIAS LUSO-ITALIANAS “PATRIMÓNIO DOS ITALIANOS EM PORTUGAL”	
Transferências de saber militar e suas adaptações: as guerras de Itália na Expansão Portuguesa Gonçalo Maria Duarte Couceiro Feio	401
8 NOVEMBRO PRÉMIO “FUNDAÇÃO ORIENTE – EMBAIXADOR JOÃO DE DEUS RAMOS”	
Palavras do Presidente da Academia de Marinha Francisco Vidal Abreu	411
Apresentação da obra - THE NAMBAN TRADE Merchants and Missionaries in 16th and 17th Century Japan* Mihoko Oka	
Palavras do Presidente da Fundação Oriente* Carlos Monjardino	
9 NOVEMBRO SESSÃO CONJUNTA COM A ACADEMIA PORTUGUESA DE HISTÓRIA	
Palavras da Presidente da Academia Portuguesa de História* Manuela Mendonça	
O contexto político do cerco de Rodes de 1522: Portugal e o Mediterrâneo* Paula Pinto Costa	
Palavras do Presidente da Academia de Marinha Francisco Vidal Abreu	415
A Batalha de Rodes - Uma Perspectiva Naval José António Rodrigues Pereira	417

15 NOVEMBRO

LANÇAMENTO DO VOLUME “HISTÓRIA DA MARINHA PORTUGUESA
– VIAGENS E OPERAÇÕES NAVAIS, 1668-1823”

Palavras do Presidente da Academia de Marinha*

Francisco Vidal Abreu

Apresentação do volume*

Amélia Maria Polónia da Silva

Palavras do Coordenador do volume*

Augusto Alves Salgado

22, 23, 24 NOVEMBRO

XVII SIMPÓSIO HISTÓRIA MARÍTIMA**

29 NOVEMBRO

O conhecimento e a exploração do mar. Uma perspectiva tecnológica*

Armando José Dias Correia

6 DEZEMBRO

**A incrível viagem de Cabo Verde e Golfo da Guiné ao fundo do Brasil,
de uma expedição de mulheres em 1550: Doña Mencía Calderón
e suas cinquenta donzelas**

429

Nayibe Gutiérrez Montoya

13 DEZEMBRO

SESSÃO SOLENE DE ENCERRAMENTO DO ANO ACADÉMICO

Palavras do Presidente da Academia de Marinha

449

Francisco Vidal Abreu

Os Lusíadas e o Mar

451

Artur Anselmo de Oliveira Soares

Apontamento

AM – APONTAMENTO SOBRE A RELAÇÃO ENTRE A ACADEMIA DE MARINHA
E O INSTITUTO DE CULTURA EUROPEIA E ATLÂNTICA (ICEA)
– DOS PRIMÓRDIOS AO PRESENTE

Palavras do Presidente da Academia de Marinha

457

Francisco Vidal Abreu

* Não publicado neste volume das Memórias por falta do texto

** Editado em separado

Nota de Edição: alguns autores não seguem o novo Acordo Ortográfico.

D. MANUEL I E A CONQUISTA, NAVEGAÇÃO E COMÉRCIO... DE OUTRAS TERRAS E OUTROS MARES

Comunicação apresentada pela Académica
Ana Paula Avelar¹, em 14 de junho

Sendo D. Manuel, um dos Príncipes, e Monarcas do nosso Renascimento esta análise centra-se naqueles que foram os processos de construção de uma imagem de governante e da construção de um império, pois apesar de ter falecido em 1521, logo os seus contemporâneos se debruçaram sobre o seu legado. Neste grupo pontuam figuras como D. Jerónimo Osório ou Sá de Miranda². Contrapunha-se à imagem de D. Manuel a do seu antecessor D. João II, defendendo os partidários joaninos³, que este se pautara pelo rigor, contra os que advogavam como a “fortuna” protegera o monarca e como esta se poderia ou não refletir nos seus vassallos, especulando-se sobre como os povos poderiam aproveitar a sorte de quem os governa, ou serem atingidos pelos seus reveses⁴.

Mas recuemos exatamente ao nascimento de D. Manuel, na vila de Alcochete a 31 de maio de 1469 e recorde-se que, na altura, ele não estava destinado a subir ao trono. Todavia, quando em 1491 morreu o príncipe herdeiro D. Afonso e a sucessão passou para os herdeiros de D. Fernando, duque de Viseu, que morrera em 1470, D. Manuel era, então, o único filho varão ainda vivo deste infante. É certo que D. João II tinha um filho ilegítimo, D. Jorge, mestre da Ordem de Santiago de Espada⁵, que defendia uma estratégia atlântico mercantil e que tentara junto da Santa Sé a sua legitimação, a qual não se efetivaria, sendo, aliás, manifesta a resistência de sua esposa e prima D. Leonor, irmã de D. Manuel a tal desígnio.

Ainda que não seja objecto desta reflexão desenvolver os diferentes desaires sofridos pelos cinco irmãos mais velhos de D. Manuel ou as vicissitudes porque passou o ducado de Viseu, importa assinalar o ano de 1484, quando D. João II investe D. Manuel no Ducado de Beja, sendo ele já o chefe da casa de Viseu. Nessa altura o monarca dá-lhe como emblema a esfera armilar com a divisa *espera*, a qual corporizava um duplo significado o de “espera” e “Esfera”. Como Damião de Góis sinaliza na sua crónica sobre o *Felicíssimo Rei D. Manuel*,

¹ Professora Associada com Agregação da Universidade Aberta. Investigadora Integrada do CHAM-Centro de Humanidades. Investigadora Associada do CH e CEC da FLUL. avelar@netcabo.pt

² Cf. VASCONCELOS, Carolina Michaelis de (ed.) – **Poesias de Francisco de Sá de Miranda**, p. 204.

³ Refira-se que a citada carta a D. João III terá sido escrita em 1530 e nela são referem-se estas duas facções.

⁴ MACEDO, Jorges Borges de. **Damião de Góis et l’Historiographie Portugaise**, p. 76.

⁵ THOMAZ, Luís Filipe F. R. – **A Expansão Portuguesa –Um Prisma de muitas Faces**, p. 97

a esfera era a forma escolhida pelos matemáticos para representar “toda a máquina do Céu e da terra”⁶. Atente-se como no projecto de concerto e cópia do *scriptorium régio* manuelino a esfera pontua marcando um reinado e a imagem de um monarca, como acontece, por exemplo, nesta portada do livro 5 de Odiana, *Leitura Nova*, pairando sobre uma paisagem campestre ladeadas por figuras angelicais.



Fig. 1 - Portada do livro 5 de Odiana, leitura Nova ⁷

Mas regressemos a 1484, à entrega da divisa “esfera”, ainda que só em 1491 se colocaria a questão da sucessão ao trono de Portugal e de como prosseguiriam as políticas expansionistas. Refira igualmente que, apesar de, em Alcáçovas, a 29 de setembro de 1495, D. João II ter ditado, aquele que seria o seu derradeiro testamento, nomeando D. Manuel como seu herdeiro, este documento só teria a validade de um ano. Todavia, cerca de um mês depois a 25 de outubro, D. João II, nas palavras de um dos seus cronistas, Garcia de Resende: “sem pai, nem mãe. Sem filho, nem filha, sem irmão, nem irmã, e ainda com muitos poucos, fora de Portugal, no reino do algarve em Alvor muito pequeno lugar.”⁸D. Manuel acompanhava sua prima, a rainha-consorte em Alcácer do Sal, sendo a 27 de outubro aclamado Rei.

A esfera, a coroa e o ceptro são os signos que servem a imagem de um monarca, por isso, importa assinalar como numa cópia iluminada, datada de inícios do século XVI¹⁰ e cuja iluminura



Fig. 2 - Rui de Pina a sua Crónica de D. João II a D. Manuel ⁹

⁶ GÓIS, Damião de – *Crónica do Felicíssimo Rei D. Manuel*, I, p. 12

⁷ Está disponível em <https://antt.dglab.gov.pt/wp-content/uploads/sites/17/2021/12/D-Manuel-Leitura-Nova-v2.pdf> [Consultado em 23-01-2024]

⁸ RESENDE, Garcia de - *Crónica de dom João II e Miscelânea*, p.289.

⁹ Disponível em <https://digitarq.arquivos.pt/viewer?id=4162615> [consultado a 23-01-2024]

¹⁰ Cf. Tesouros da torre do Tombo... p. 250

acompanha o prólogo da *Crónica de D. João II*, de Rui de Pina,¹¹ se expõem esses signos e se revela através da postura, expressão facial e posição hierática de D. Manuel, a sua Majestade Régia. Recorde-se que o cronista terminara a escrita desta crónica em 1504.



Fig - 3 Armas e empresa de D. João II ¹²

A imagem do rei D. Manuel legitima-se pela palavra e pela representação do cronista, que deposita nas régias mãos do monarca a crónica sobre a vida do seu antecessor e as armas e empresa joaninos sinalizam emblematicamente a marca de um rigoroso governo pela lei e pela grei. As duas imagens, a do venturoso rei, D. Manuel [fig.2], e a do “Perfeito Príncipe” [fig.3] plasmam-se nestas simbólicas figurações régias.

Logo no ano de 1495, a atenção do Venturoso debruça-se sobre o espaço extra-europeu, nomeadamente sobre as praças que Portugal detinha no norte de África, ainda que deva ser referido que os primeiros esforços governativos se tenham voltado para o controlo do poder régio, nomeadamente tomando a decisão de se proceder à reforma dos forais no sentido de reformar a vida administrativa, procurando uniformizar as questões que se prendiam com os sistemas fiscais¹³. D. Manuel continuaria o propósito de prosseguir a expansão oceânica, ele que era mestre da Ordem de Cristo.

Continuando a estratégia política joanina de consolidar a hegemonia oceânica ibérica conseguida através do tratado de Tordesilhas, D. Manuel casa-se com a que fora noiva do falecido príncipe D. Afonso, D. Isabel, filha dos reis católicos, cujos esponsais se realizam a 30 de setembro de 1497, após D. Manuel ter acedido à expulsão da comunidade judaica de Portugal, ainda que o monarca tenha compulsivamente convertido os seus membros de modo a minorar os efeitos económicos da sua expulsão. A morte de D. João de Trastâmara leva a que D. Manuel e D. Isabel fossem jurados herdeiros ao trono dos Reis Católicos (1498). Desta

¹¹ Cf. Disponível em <https://digitarq.arquivos.pt/viewer?id=4162615>. Recorde-se que o cronista terminara a crónica de D. João II em 1504.

¹² Cf. Disponível em <https://digitarq.arquivos.pt/viewer?id=4162615> [consultado a 24-01-2024]

¹³ Cf. COSTA, João Paulo Oliveira e – **D. Manuel I**, p. 109

união nasceu prematuramente o príncipe Miguel da Paz que, por morte de sua mãe, ocorrida durante o parto, seria jurado como herdeiro às coroas ibéricas. Desde 1499, momento em que as cortes portuguesas o reconhecem como sucessor ao trono, até 19 de Julho de 1500, dia da sua morte, D. Miguel seria o herdeiro das coroas de Portugal, Castela, Leão, Aragão e Sicília. Contudo, e apesar desta possível união dinástica, Portugal guardaria moeda própria e administração autónoma, pois só portugueses poderiam ser nomeados¹⁴.

O estreitamento da aliança ibérica continuaria a ser forjado através do casamento do Venturoso como a infanta D. Maria (n.1482) a 30 de Outubro de 1500. D. Manuel debatia-se então com uma dupla responsabilidade, a organização do comércio “das Índias”, garantindo a rota do cabo, e a necessidade de assegurar a hegemonia no Atlântico-africano. Afastado da sucessão directa aos tronos de Castela, Leão, Aragão e Sicília, pois D. Maria não seria herdeira ao trono de seus pais, D. Manuel regressa a uma posição de neutralidade no contexto peninsular, reforçando a sua posição junto da Santa Sé. Todavia, para D. Manuel o seu império é forjado numa matriz messiânica. Este era o monarca que acreditava estar predestinado a reformar a Igreja e a instaurar o império cristão universal sobre a Terra¹⁵.

Com efeito, a navegação dos oceanos permitiria a Portugal exercer um domínio do mundo extra-europeu, que conduziria ao conhecimento da *esfera* e é após o regresso de Vasco da Gama em 1499 que ao título *de Rei de Portugal e dos Algarves de Aquém e de Além-Mar em África, Senhor da Guiné* D. Manuel agregaria *e da Conquista, Navegação e Comércio da Etiópia, Arábia, Pérsia e Índia*, titulação que seria usadas pelos monarcas portugueses até 1910.

Não é fortuito o facto de um dos cronistas da expansão portuguesa, Fernão Lopes de Castanheda, na reimpressão do seu primeiro livro *da História do Descobrimento e Conquista da Índia pelos Portugueses*, em 1554, isto é 3 anos depois a primeira impressão, entre as alterações introduzidas, encontrar-se, para além de, no primeiro capítulo se evidenciar o papel de D. Manuel na preparação da viagem de Vasco da Gama, o relato da chegada a Portugal se subdividir em dois, introduzindo-se um capítulo onde se descreve a profecia *Sibília Cumea* relativamente à descoberta da Índia:

E quádo el Rey dom Manuel vio o que dizião ficou muyto espantado com todos os de sua corte, & ouue sobrisso diversos pareceres, porque hũs ho crião outros dizião que por nhũ modo podia ser, & que aquilo erão gentilidades a que não se devia de dar nhũ credito. E estando a cousa assi em duvida, dizem que chegou Nicolau coelho que a desfez com a nova que deu do descobrimento da Índia. E foy a profecia auida por verdadeyra: & como quer que os Portugueses sabem melhor pelejar que grãgear antiguidades, não ouue que fizesse mais caso daquela (...) ¹⁶

¹⁴ THOMAZ, Luís Filipe F. R. – **A Expansão Portuguesa – Um Prisma de muitas Faces**, p.99.

¹⁵ *Ibidem*, p. 23.

¹⁶ CASTANHEDA, Fernão Lopes de – **História dos Descobrimentos e Conquista da Índia pelos Portugueses**, I,p.71

Fernão Lopes de Castanheda, que desempenharia o lugar de bedel na universidade de Coimbra após ter passado cerca de dez anos na Índia¹⁷ convoca Rui de Pina como o cronista que, a mando do seu rei, D. Manuel, tirou em linguagem¹⁸ os quatro versos que teriam aparecido numa inscrição romana, numa praia em Sintra, a praia das maçãs. Para uns, tais inscrições teriam aparecido em 1505, para outros, assim que Nicolau Coelho dera as novas da viagem de Vasco da Gama ao monarca, elas teriam sido descobertas. A inscrição latina proclamaria, na tradução portuguesa, a profecia de *Sibila* relativamente aos do ocidente, afirmando que *serão revoltas as pedras com as letras direitas e em ordem, quando tu ocidente vires as riquezas do Oriente. O Ganges, Indo e o Tejo será cousa maravilhosa de ver, trocando cada um com o outro suas mercadorias.*¹⁹



Fig.4 - Retrato de um Jacopo de Strada, por Ticiano (1567–1568) óleo sobre tela, 125 cm x 95 cm, Kunsthistorisches Museum, Viena e frontíspios das suas obras ²⁰

Este cronista serviu-se da obra Jacopo Strada, *Epitomen Thesauri antiquitatum*, publicada em Lyon, no ano de 1553²¹. Já antes, em 1534, Petrus Apianus em parceria com Bartolomeus Amantius publicada, em Ingolstadt as suas *Inscriptiones sacrosanctae vetustatis, non illae quidem romanae, sed totius fere orbis*, onde aparecem profecias de *Sibilia Cumea*. Seja por via directa, isto é, usando Apiano, seja por via palimpséstica, usando Strada, a invocação de Sibila Cumea traduz o carácter profético de que participaria a imagem régia de D. Manuel.

Mas regresse-se ao modo como D. Manuel expande a sua *Conquista, Navegação e Comércio da Etiópia, Arábia, Pérsia e Índia*, sem descurar a presença em África. As notícias que o monarca recebe tanto sobre a primeira viagem de Vasco da Gama, como de Gaspar da Índia reforçam a ideia de uma intensa presença de cristãos na Península Hindustânica. No

¹⁷ Cf. AVELAR, Ana Paula – Fernão Lopes de Castanheda, I, p.261

¹⁸ *Ibidem* .

¹⁹ *Ibidem*, I, pp.71-72.

²⁰ Disponível em <https://fr.m.wikipedia.org/> [consultado em 24-01-2024]

²¹ Cf. AVELAR, Ana Paula Menino - **Fernão Lopes de Castanheda-Historiador dos portugueses na Índia ou cronista do governo de Nuno da Cunha?**, pp. 83-84

primeiro caso, essa convicção advém do facto de o próprio Vasco da Gama orar num templo hindu, tendo os portugueses confundido a representação da deusa Kali com a Virgem Maria. No segundo caso, Gaspar da Índia, um judeu que servira Âdil-Shah, o sultão de Bijapur, como convertido ao Islão e que fora enviado a Portugal²², colocando-se ao serviço dos portugueses, escreveria ao monarca, afirmando como os cristãos indianos poderiam integrar as forças cristãs, lutando contra a presença maometana.

É certo que será a viagem de Pedro Álvares Cabral (1500-1501) e a chegada de uma importante carga de especiarias que levaria Veneza a antever o perigo que poderia suscitar o comércio português para a rota do Levante. Tanto a comunidade florentina como genovesa, presentes em Lisboa, visavam superar a *Sereníssima República*. Contudo, D. Manuel não deixou de, em 1501, enviar um contingente português para defender a presença veneziana em Moreia (Peloponeso) que estava ameaçada pelos otomanos²³. Saliente-se que: “ Desde 1480, quando forças otomanas tinham ocupado e saqueado a cidade de Otranto, na costa de Puglia, em Itália, a marinha turca, apoiada pelos piratas da costa da Barbaria, cruzava o Leste e o Sul do Mediterrâneo, criando uma atmosfera de alarme quase constante.”²⁴

O reforço da presença de D. Manuel junto da Santa Sé não fora descurado e o conflito veneziano – otomano, que se iniciara em 1499, vai de certo modo permitir a Lisboa fortalecer a sua presença. Na sombra das negociações conducentes ao matrimónio com a infanta D. Maria estaria a intervenção conjunta de Portugal e dos reis católicos em Marrocos, mais precisamente a invasão de Fez, o desviar das atenções para a intervenção em Corfu, seria menos custosa a Portugal. Recorde-se que a frota que sai de Belém a 15 de junho de 1501 sob os ordens de D. João de Meneses, o conde de Tarouca era composta por 8 naus e 22 caravelas e tinha por missão tomar Mers-al Quibir um porto situado perto de Ourão. Pretendia-se dominar a passagem até ao Egipto e depois à Palestina, o que não aconteceria.

Atente-se no facto de durante o seu reinado D. Manuel ter defendido e expandido a presença portuguesa em Marrocos, mantendo e conquistando todo um conjunto de fortalezas que vão desde Ceuta (1415), Alcácer-Ceguer (1458), Tãnger (1471), Arzila (1471), Azamor (1497), Mazagão (1486), Safim (1508), Mogador (1506), Aguz (1506), e Santa Cruz do Cabo de Gué(1505), conseguindo igualmente áreas de influência como o protectorado das cabilas de Duquela (Dukkala) e Abba. O avanço sistemático no Marrocos meridional dá-se a partir de 1505 e o próprio Tratado de Sintra (1509) é firmado com o objectivo de definir os limites de actuação das coroas portuguesa e castelhana no palco africano. Os portugueses procuravam garantir a faixa atlântica, enquanto Fernando de Aragão avançava ao longo da

²² AUBIN, Jean -**Le Latin et l’Astrolabe – Recherches sur le Portugal de la Renaissance, son Expansion en Asie et les Relations Internationales**, p.285

²³ Sobre a evolução da acção otomana. Cf. ÁGOSTON, Gábor – **O império Otomano e a conquista da Europa**, pp. 112-117.

²⁴ PAGDEN, Anthony- **Mundos em Guerra. 2500 anos de conflito entre Ocidente e Oriente**, p. 263

faixa magrebina. Não foram raras as disputas diplomáticas em torno dos direitos que uma e outra coroa procuravam reclamar naquele espaço.

Mas regresso-se à acção portuguesa em Corfu para sinalizar aquela que vai ser a força portuguesa. Apesar de as embarcações portuguesas serem vistas pelos venezianos como de fraca tonelagem, é-lhes reconhecida uma extraordinária capacidade de fogo²⁵. Essa capacidade de fogo é o instrumento que permite manter o domínio oceânico, pois o eficaz uso das peças de artilharia, nomeadamente o bom desempenho dos artilheiros, que permitiam sucessivos disparos, conduz ao sucesso português, nomeadamente no palco asiático, e muito em particular no Índico, onde em 1501, apesar da declarada hostilidade de Calecute à presença portuguesa, tendo a feitoria portuguesa sido atacada, e Cabral bombardeado a cidade, o acolhimento do rei de Cochim permitiu o já referido regresso da armada cabralina a Portugal com uma significativa carga de especiaria. Entretanto tanto Cananor como Couvão negociariam com Portugal o que significou o início de formação de uma rede de pontos de apoio à presença portuguesa, tecendo-se o domínio português, nas costas do Hindustão.

A armada de Vasco da Gama (1502-1503) deixou no Índico uma pequena frota para proteger as forças portuguesas e bloquear a passagem do Mar Vermelho de modo a estrangular a chegada de especiarias ao Egipto e aos circuitos primordialmente venezianos. É igualmente desta altura (1503) a introdução de *cartazes*, ou salvo-condutos, os quais permitiam à coroa portuguesa um controlo efectivo do comércio que se ia praticando. Mas a consolidação de uma presença, e o auferir de melhores condições económicas no domínio dos entrepostos portugueses no Malabar desenvolve-se através da implementação de um sistema de fortificações, replicando-se a estratégia de ocupação que Portugal praticava em Marrocos, i.e., a distribuição estratégica de, como salienta Luís Filipe Thomaz, “(...) pequenos enclaves fortificados separados por grandes extensões de território neutro ou inimigo”²⁶. Esta reutilização de um modelo de conquista e ocupação anterior demonstra como para D. Manuel, o império é um sistema orgânico que se vai desenvolvendo articuladamente, pois perante a ameaça à presença portuguesa, a resposta foi desde a armada de 1503-1504, a de Afonso e Francisco e Albuquerque, se edificar uma fortificação de madeira “o castelo Manuel” à entrada do porto de Cochim.

Em 1505 e devido à crescente ameaça turco-mameluca D. Manuel envia, tendo em atenção a correlação de forças do seu conselho régio, um vice-rei, com poderes para coordenar as forças militares e consolidar a presença portuguesa. O escolhido foi D. Francisco de Almeida, filho do conde de Abrantes e muito próximo de D. Jorge de Lencastre, o filho ilegítimo de D. João II. Não cabe nesta reflexão desenvolver as estratégias conjunturais que vão sendo desenvolvidas pelos sucessivos governos da Índia, nem os contextos clientelares que se vão desenvolvendo ao longo do reinado de D. Manuel, limitar-me-ei a assinalar linhas de força de como se edificou uma presença,

²⁵ Cf. AUBIN, Jean- *Le Latin et l’Astrolabe – Recherches sur le Portugal de la Renaissance, son Expansion en Asie et les Relations Internationales*, p.143.

²⁶ THOMAZ, Luís Filipe F. R. – *A Expansão Portuguesa – Um Prisma de muitas Faces*, p.109.

noutros terras, as extra-europeias, nomeadamente as asiáticas, e noutros mares e oceanos. Assim, refira-se que logo no primeiro vice-reinado foram edificadas um conjunto de fortalezas em Sofala, Moçambique, Quíloa, Socotorá, Angediva, Cananor e Couvão e que perante a ameaça conjunta das forças mamelucas-otomanas, de Cambaia e Calecute, D. Lourenço de Almeida é derrotado em Chaul (1508), aí perecendo. Ele deixara-se surpreender na barra desta praça pelas forças conjuntas de Malik Ayaz, governador de Diu, e o almirante mameluco, Husayan al-Kurdi²⁷. No entanto a vitória de Diu conseguida por D. Francisco de Almeida em 1509: “assegurou aos portugueses, durante quase um século, o domínio absoluto do oceano Índico”²⁸. Este acontecimento e a derrota da frota egípcia no golfo d’Ayas, pelos cavaleiros da Ordem dos Hospitalários, sediados em Rodas retardou significativamente a formação de uma nova armada no mar Vermelho, assim como o “regime mameluco ficou profundamente dependente do império Otomano”²⁹. Este atraso na resposta à ameaça portuguesa foi permitindo um alargamento da escala de fixação portuguesa e uma sedimentação da sua presença.

Afonso de Albuquerque, que já servira durante o vice-reinado de Francisco de Albuquerque como capitão-mor da costa da Arábia e que tinha colocado sob protectorado português Ormuz, vai desenvolver como governador da Índia toda uma série de conquistas que visam fortalecer a rede de enclaves estratégicos: Em 1510 toma Goa³⁰ e em 1511 conquista Malaca, dominando a chave de comércio entre o Índico e o Extremo-Oriente. É exactamente desta praça que são enviadas as expedições comerciais a Banda e Maluco, aí procurando os espaços originários da noz de moscada e do cravo-da-índia, seguindo igualmente as primeiras embaixadas para Java, China, Sião e Pegu. A par destas incursões pelo Extremo Oriente, visava-se fechar / controlar Adem, ainda que não tenha sido possível conquistar esta praça.



Fig. 5 - Adem nas *Lendas da Índia* de Gaspar Correia ³¹

²⁷ Cf. AUBIN, Jean- **Le Latin et l’Astrolabe – Recherches sur le Portugal de la Renaissance, son Expansion en Asie et les Relations Internationales**, p. 366.

²⁸ MONTEIRO, Armando da Silva Saturnino- **Poder naval à escala planetária 1139-1521**, p.283.

²⁹ AUBIN, Jean- **Le Latin et l’Astrolabe – Recherches sur le Portugal de la Renaissance, son Expansion en Asie et les Relations Internationales**, p. 366

³⁰ Cf. GARCIA, José Manuel – **O Terrível . A Grande Biografia de Afonso de Albuquerque**, p. 209.

³¹ Disponível em [File:Assault on Aden.jpg - Wikipedia](#) [consultado em 26-01-2024]

Gaspar Correia que acompanharia Afonso de Albuquerque³² como seu secretário elabora uma precisa descrição da cidade e de toda a linha de fortificação da mesma, desenhando o assalto à cidade (fig. 5).



Fig. 6 - Detalhe do ataque a Adem

Ele descreve o primeiro bombardeamento sobre a cidade, lançado do mar para a terra, revelando a pouca carga empregue, para que, como escreve, os pelouros não passassem e caíssem na cidade. É igualmente revelado pela escrita e pelo desenho (fig. 6) como foram usadas escadas de três entenas³³ em que podiam subir quatro homens a par.

Mas se Adem não é então tomada, Ormuz seria definitivamente submetida ao poder do monarca português, retomando-se a construção da fortaleza que tinha sido anteriormente iniciada pelo pedreiro Fernandes Tomás. A nova edificação representada por Gaspar Correia nas suas *Lendas da Índia* toma agora o nome de Nossa Senhora da Conceição³⁵, e segue o modelo de implementação anteriormente sinalizado: Albuquerque acompanha de perto a sua construção.

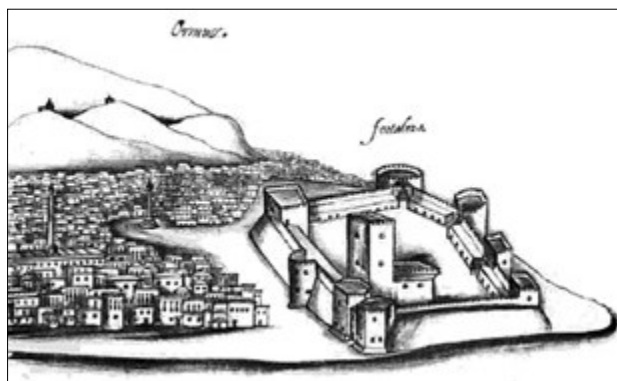


Fig. 7 - Ormuz nas *Lendas da Índia* de Gaspar Correia³⁴

Aliás é de Ormuz que doente parte para Goa, onde morre.

Os circuitos comerciais indianos passavam a ter que contar com a permanência portuguesa. Paralelamente desenvolvem-se os contactos com o reino de Vijayanagar, que aparece nos textos portugueses como de Bisnaga ou Narsinga, usando-se a corruptela do nome do então governante

³² Cf. AVELAR, Ana Paula - Gaspar Correia, pp.307.308.

³³ Este é o nome antigo para antena que é uma haste de madeira, de grandes dimensões, empregue na construção de mastros ou vergas.

³⁴ Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Gaspar_Correia#/media/Ficheiro:Hormuz_fort-Correia.png [consultado em 26-01-23]

³⁵ Cf. CORREIA, Gaspar - *Lendas da Índia*, II, p. 439.

local, Narasimha, tendo durante este mesmo período de tempo, e após o contacto com o reino da Etiópia, que enviara um embaixador, Mateus de seu nome. Contudo seria só em 1520 que os contactos seriam definitivamente concretizados já durante o governo de Diogo Lopes Sequeira.

Mas regresse-se a 1515. De Lisboa, e antes mesmo de chegar a notícia da morte de Afonso de Albuquerque, partira, nomeado para ocupar o lugar de governador, por um reticente D. Manuel, Lopo Soares de Albergaria cuja acção desenvolveria um outro vector de presença e permanência dos portugueses no espaço asiático. Resultante da sua acção formulou-se aquilo que podemos considerar um outro espaço imperial, o de um império sombra³⁶. Recorde-se que este Lopo Soares, é o homem que levanta as restrições à navegação defendidas por Albuquerque, permitindo que os portugueses navegassem e fizessem o trato por onde quisessem³⁷, isto é, por zonas onde a presença da coroa portuguesa era diminuta ou inexistente, como as costas do golfo de Bengala, as ilhas da Insulíndia, a Península Indochinesa ou até o Extremo Oriente.

Refira-se que o ano de 1517 é um ano negro para D. Manuel, a sua rainha consorte, D. Maria, morreu em Lisboa, nos Paços da Ribeira, a 7 de Março, com 35 anos. Ela que o acompanhara e cuja voz se erguera em defesa dos seus desígnios mais profundos, como seja quando já perto da sua morte se manifesta contra o envio de Lopo Soares de Albergaria para a Índia³⁸. A viuvez leva D. Manuel a rever a sua posição face ao projectado casamento de D. João com a infanta D. Leonor irmã do imperador Carlos V. Tal aliança poderia resultar no fortalecimento do seu herdeiro junto do imperador o que o fragilizaria. O casamento de D. Manuel com D. Leonor salvaguardaria a sua posição tanto interna como externamente. Contudo esta resolução provocaria um intenso mal-estar entre o monarca e D. João. Os últimos anos da vida de D. Manuel são ensombrados por este afastamento e pelas lutas entre facções que se posicionam ou junto do monarca ou do futuro herdeiro.

A 24 de Novembro de 1518 celebra-se o terceiro casamento de D. Manuel, as relações entre D. Carlos e D. Manuel desenvolveram-se num ambiente amistoso, tendo este feito entrar D. Manuel para a ordem de cavalaria do “Tosão de Ouro”. Ainda neste mesmo ano Diogo Lopes de Sequeira é enviado como governador da Índia e como Luís Filipe Thomaz defendeu, este triénio como que corporizou “o canto de cisne” do monarca. Recorde-se como em Setembro de 1519 Fernão de Magalhães parte de Sanlúcar de Barrameda, procurando Carlos V, contrapor ao domínio português uma presença castelhana nas ilhas do cravo. É certo que D. Manuel procura consolidar e defender a presença portuguesa em Maluco, ordenando a edificação de uma fortaleza em Ternate que só seria iniciada em 1522, já depois da morte do monarca no derradeiro mês de 1521.

³⁶ Cf. HESPAÑA, António Manuel - **Filhos da Terra. Identidades Mestiças noas confins da Expansão Portuguesa**, pp. 93-176.

³⁷ THOMAZ, Luís Filipe F. R. - **A Expansão Portuguesa – Um Prisma de muitas Faces**, p. 120

³⁸ AVELAR, Ana Paula - **D. João III-O Piedoso**, pp.22-23.

Neste ano de 1521, partira D. Duarte de Meneses como governador da Índia, estando projectado o envio de uma esquadra de quatro embarcações que deveria construir uma fortaleza nas costas da China, procurando, deste modo, continuar a controlar as rotas entre Samatra e o Sul do Império do Meio. A morte de D. Manuel é algo inesperada, ocorrendo num ano em que Soleimão, o *Magnífico*, tomou Belgrado, avançando no seu projecto de alargar os seus domínios no espaço europeu, ele que como, senhor do Império otomano, exercia agora o domínio sobre o Mediterrâneo Oriental, rivalizando com o do Mediterrâneo Ocidental, protagonizado por Carlos V. D. Manuel permanecia assim como uma das vozes decisoras das estratégias europeias. A partida de Lisboa da infanta D. Beatriz para Sabóia seria um dos últimos grandes festejos em que o monarca participaria, pois a 5 de Dezembro de 1521, D. Manuel sofreria de febres altas, *com inclinação para o sono* que, segundo frei Luís de Sousa, *andava na cidade, parava em modorra e matava a muitos*³⁹.

O monarca padeceria de uma encefalite letárgica, epidemia que ao tempo assolava o reino e o seu estado de saúde deteriorou-se rapidamente, *e se uma vez acordava, outras sete esmorecia*. Na noite de 13 de Dezembro, aos 52 anos de idade, Como Gil Vicente registou *o bom rei em seu acordo/ deste mundo se partia:/ sua morte conhecendo,/ com muita sabedoria, / per palavras piedosas / os sacramentos pedia; falando sempre com todos,/ deu sua alma a quem devia*⁴⁰. Se a Fortuna protegeu D. Manuel, foi a sua arte de governar que efectivou o seu desígnio de *Conquistar, Navegar e comerciar ...por outras terras e outros mares*.

³⁹ Ibidem, p.92.

⁴⁰ VICENTE, Gil - **Compilaçam de todas as obras de Gil Vicente**, II, p. 629

Bibliografia Citada:

ÁGOSTON, Gábor – **O império Otomano e a conquista da Europa**, Lisboa, EdicoesDesassossego, 2023. ISBN: 978-989-9138-17-9

AUBIN, Jean – **Le Latin et l’Astrolabe – Recherches sur le Portugal de la Renaissance, son Expansion en Asie et les Relations Internationales**, 3 vols. Lisboa-Paris: Centre Culturel Calouste Gulbenkian-CNCDB, 1996, 2000 e 2006. ISBN: 9728325088.

AVELAR, Ana Paula – **D. João III-O Piedoso**. Lisboa: QuidNovi,2009. ISBN: 978-989-554-590-2.

AVELAR, Ana Paula – Fernão Lopes de Castanheda in Francisco Contente Domingues dir. **Dicionário da Expansão Portuguesa – 1415-1600**, I. Lisboa: Círculo de Leitores, 2016, pp.261-262. ISBN: 978-972-42-5087-8

AVELAR, Ana Paula – Gaspar Correia in Francisco Contente Domingues dir. **Dicionário da Expansão Portuguesa – 1415-1600**, I. Lisboa: Círculo de Leitores, 2016, pp.307-308. ISBN: 978-972-42-5087-8

AVELAR, Ana Paula Menino – **Fernão Lopes de Castanheda-Historiador dos portugueses na Índia ou cronista do governo de Nuno da Cunha?** Lisboa: Cosmos, 1997. ISBN: 9789898028952

CASTANHEDA, Fernão Lopes de – **História dos Descobrimentos e Conquista da Índia pelos Portugueses**, 2 vols. Porto: Lello e Irmão – Editores, 1979.

CORREIA, Gaspar – **Lendas da Índia**. 4vols. Porto: Lello e Irmão – Editores, 1975.

COSTA, João Paulo Oliveira e – **D. Manuel I (1469-1521) um Príncipe do Renascimento**. Lisboa: Círculo dos Leitores – CEPCEP, 2007. ISBN: 978-972-759-920-2

GARCIA, José Manuel – **O Terrível. A Grande Biografia de Afonso de Albuquerque**- Lisboa: A esfera dos livros, 2017. ISBN: 978-989-626-845-9

GÓIS, Damião de – **Crónica do Felicíssimo Rei D. Manuel** . Coimbra: Imprensa da Universidade, 1949.

HESPANHA, António Manuel – **Filhos da Terra. Identidades Mestiças noas confins da Expansão Portuguesa**. Lisboa: Tinta da China, 2019. ISBN: 978-989-671-476-5

MACEDO, Jorges Borges de – **Damião de Góis et l’Historiographie Portugaise**. Paris: Fundação Calouste Gulbenkian, 1982.

MONTEIRO, Armando da Silva Saturnino – **Poder naval à escala planetária 1139-1521**. Lisboa: Saturnino Monteiro, 2013. ISBN: 978-989-8-6.

PAGDEN, Anthony – **Mundos em Guerra. 2500 anos de conflito entre Ocidente e Oriente**. Lisboa: Edições 70, 2022. ISBN: 978-972-44-2931-0

THOMAZ, Luís Filipe F. R. – **A Expansão Portuguesa –Um Prisma de muitas Faces**. Lisboa: Gradiva, 2021. ISBN: 978-989-785-104-9

RESENDE, Garcia de – **Crónica de dom João II e Miscelânea**. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 1973

VASCONCELOS, Carolina Michaelis de(ed.) – **Poesias de Francisco de Sá de Miranda**. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1989.

VICENTE, Gil – **Compilaçam de totalas obras de Gil Vicente**. Lisboa: Imprensa Nacional –Casa da Moeda, 1984